



crescendo, pedindo segunda raspagem. Três semanas sem ver Toshi e eu fiquei vazio. Zanzei pelas ruas da Liberdade como um errado. Necessário não se ter alguém, para entender a valia. Uma falta danada. E a Física e a Química na escola, como duas pragas, a exigirem tudo. Dureza.

Começava a compreender que eu me completava em Toshi. Tudo de meu. Uma chapa sem a opinião dele... Passeio sem Toshi, a mesma coisa. Teatro também, sakê também. Tudo valendo nada.

Voltaram. Dupliquei a amizade. Interrompi economias, e presenteiei com o que pude. Toshi, que o casamento não o ausentou de nada! Unha e carne, ainda. Nossas coisas iam bem.

★

Por que diabo há de sempre entrar mulher na história?

Meus olhos tristes. Meus olhos já viajam pouco para ela. E cada vez que se arriscam é um estremecimento, atropalhamento sem jeito. Não fiz nada, eu não pedi nada! Eu só queria a camaradagem de Toshi. Será que aquela mulher não entende?

Se vou à varanda do laboratório de revelação. Cada vez que preciso de alguma coisa. Cada vez que me faltam fósforos. É ela que vem. Que me procura à toa, por banalidades. Chega-se, tira-me o cigarro da boca, acende-o e

recoloca-o na minha boca. Numa insolência que dá vontade de bater. E quando olho para aquela janela... São os seus olhos que estão me comendo, pedindo.

Medo. Meus olhos viajam pouco.

Aquela mulher vai matar uma amizade de anos, coisa intocável. Como a cara de um homem. Porque eu acabo dando o fora, caindo no mundo, já me chega o que aconteceu. Horrível, esta situação. Não agüento. Será que não está contente com o que tem? Outro Toshi não existe. Tão forte. Bom. Homem se atilando cada vez mais em tudo o que faz. Por que diabo houve de se meter comigo?

E eu que não procurei nada... Está certo que sou maluco por ela. Fujie, ideal de beleza de todas as graças que vejo nas coisas do Japão. Que me surgiu a eclodir como o máximo. É verdade. Entretanto, nunca disse nada, nunca nem ao de leve um gesto inusitado que demonstrasse. Sempre eu a tapar tudo.

O diabo é que vivo agitado, as idéias coladas nela, nos braços, nas ancas, não sei. Impossível desguiar. Olhei para aqueles cabelos, dei com o corpo inteiro. Desejei. Sonhei. Com os olhos de Fujie, sonhei, com a boca, com Fujie inteira. Disse seu nome lá sei quantas vezes, rabisquei-o em todos os papéis, dez, vinte, um milhão de vezes. Amassei-os. Fiz tudo de novo. Os olhos rasgados me pedindo, me comendo.

Quando em quando, ninguém nos vendo, leva minhas mãos a seus peitos para sentir o calor. Beijei seu retrato que eu havia fotografado e chorei que nem moleque!

Primeiro abalo na minha vida. Mas eu não disse nada.

Fujie, Fujie que insiste há meses. Que tenta, que procura, que espera. Eu, tímido, abobalhado. O calor que se emana dos seios me dá vontade... Fazer uma maluqueira à frente de todos. Escorraçando-me das conversas, dos encontros de olhos. Penso no cafajeste que fui. E em Toshi. Minha vontade é não voltar ao estúdio de seu Teikam. Tomar sumiço da Liberdade. Fazer uma asneira tremenda.

Eu vivo é tonto. Fujie me passando bilhetes sorrateiros, quentes ainda de seu seio, escrevendo coisas. A solidão das noites em que Toshitaro vai à academia com o pai, me pedindo, me lacrando de bobo! Sozinhos, mostra-me a língua, numa provocação a que não resisto. Diabo de mulher maluca! Depois, toco-me o braço tão de mansinho. Uma ternura que me agita. Encolho-me, esgueiro-me. Humilhado e pequeno.

Se eu quisesse, lhe diria desaforos tremendos... Mas nunca tive coragem.

★

Ontem.
Meia hora bobeando sem nexo pela Rua Galvão

Bueno. Como um zonzó. Matara as aulas, vejam onde cheguei. Olhei para os cartazes do Niterói, entrei. Não suportei o filme dez minutos. Lassidão. Minha cabeça molhada pela chuva. A capa pesava, nos ombros pesava. Enfie a mão no bolso, adivinhei o bilhete. Um arrojo maluco me passou pela cabeça.

Como um mecanismo vadio, me arrastei lento até a Avenida Liberdade. Ajeitei-me num tamborete de bar, pedi conhaque. Fazia muito calor e chovia. Moscas agitavam-se. Mas só havia no ar o corpo de Fujie que eu adoro. Dali eu via o luminoso de seu Teikam e adivinhava o quarto dela. Fumei muito olhando para o luminoso. Bondes que vão para o outro lado da cidade rangiam-me na cabeça. Adoraria estar longe! Dei de cara com um conhecido me ofertando café.

Fechei os olhos. Os seios quentes. Os olhos rasgados me surgiram, tomando conta das moscas e dos bondes e de mim; me ergui pesadamente. Oito horas. Noite tão quente, chata! Fiquei virando um infinito de coisas na cabeça, com angústia. Uma depressão tremenda. Tinha a cabeça molhada, mas suave na testa. Luzes iam, sumiam na avenida. O luminoso de seu Teikam brilhava, se apagava, brilhava. Tive a impressão de que ela sabia o que se passava comigo. Zonzó, caminhei para ele, lá quase chorando. Os autos me espirravam água da chuva.

Eu a enlacei.

— Nega, benzinho...

Lá fora, a chuva fazia festa no telhado. No quarto algumas moscas estavam numa agitação irritante. Eu só sabia que estava fazendo uma canalhice. Ia chover mais, ia chover muito. Era chuva que Deus mandava. Eu fazia um esforço para me agarrar à idéia de que não era culpado. Culpada era a avenida, era a noite, era a chuva, era qualquer coisa. Ralhou comigo:

— Eu não sou negra.

— É só carinho que eu estou fazendo.

Chuva lá fora, zoeira de moscas atribuladas. Dentro do quarto, amor.

João Antônio, escritor, jornalista e conferencista. Autor dos livros de contos **Malaguetas**, **Perus e Bacanaço**, **Dedo Duro** e outros. Prêmios: Fáblio Prado, da União Brasileira de Escritores e Jabuli (revelação de autor e melhor livro de contos) e da APCA. ★ Yvete Ko, pintora e ilustradora. Apresentou seus trabalhos no Musée du Grand Palais, de Paris e no Salão de Arte Contemporânea de Lyon, onde obteve o grande prêmio de Artes Gráficas. Menção especial do Júri na XVII Exposição Palme D'Or.